

DOUTORAMENTO

Honoris Causa

KAY RALA
XANANA GUSMÃO

FACULDADE DE LETRAS
DA UNIVERSIDADE DO PORTO



DOUTORAMENTO

Honoris Causa

DE KAY RALA XANANA GUSMÃO



FACULDADE DE LETRAS
DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Titulo

DOUTORAMENTO *HONORIS CAUSA* DE KAY RALA XANANA GUSMÃO

Autor

Vários

Edição

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO
Via Panorâmica, s/n
4150-564 Porto - Portugal

MAIO DE 2001

Concepção Gráfica

ARCANJO RIBEIRO, SUCRA & FILHOS, LDA.

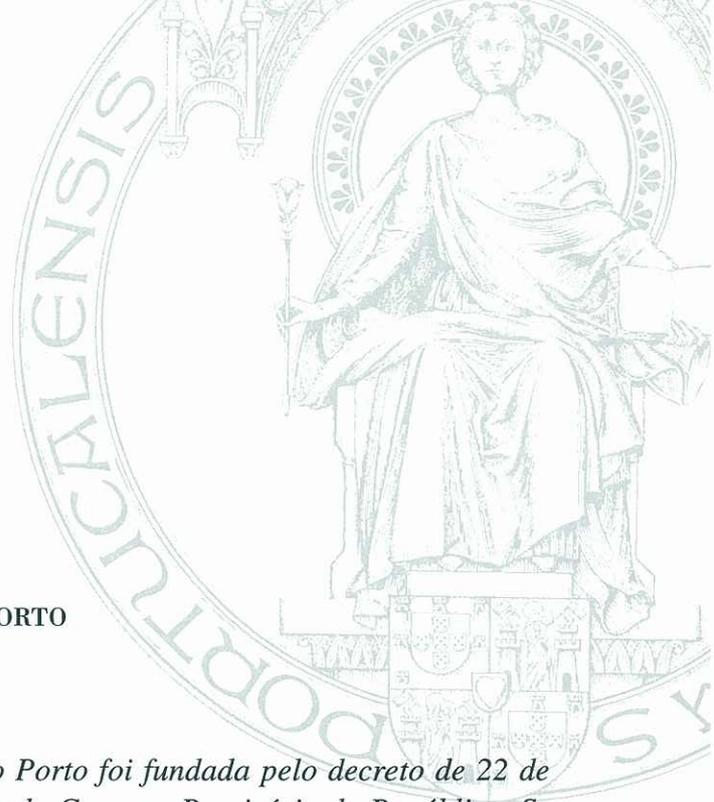
Tiragem

500 exemplares

DEPÓSITO LEGAL: 169009/01

ISBN: 972-9350-52-3

ACTO DE DOUTORAMENTO *HONORIS CAUSA*
DE KAY RALA XANANA GUSMÃO
NA FACULDADE DE LETRAS DA
UNIVERSIDADE DO PORTO EM 31 DE OUTUBRO DE 2000



A UNIVERSIDADE DO PORTO

A Universidade do Porto foi fundada pelo decreto de 22 de Março de 1911, emanado do Governo Provisório da República. Se bem que seja possível apontar como as suas antecessoras mais remotas a Aula de Náutica, estabelecida por D. José I em 1762, e a Aula de Debuxo e Desenho, criada por D. Maria I em 1779 – ambas resultado de solicitações dos comerciantes portuenses –, a Universidade vai basear-se fundamentalmente em instituições de ensino superior criadas no séc. XIX: a Academia Politécnica e a Escola Médico-Cirúrgica.

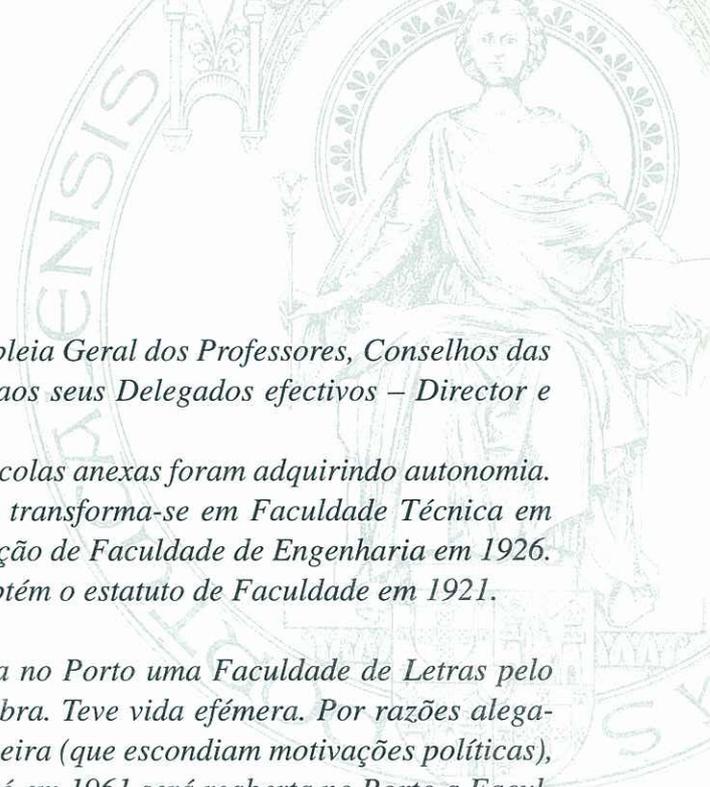
A Academia Politécnica tinha como fim principal o ensino das ciências industriais e formava engenheiros de todas as classes, além de outras especialidades profissionais como oficiais de marinha, pilotos, comerciantes, agricultores, directores de fábricas e artistas. Herdeira da Academia Real da Marinha e Comércio do Porto, criada em 1803 pelo Príncipe-Regente D. João (futuro D. João VI), surgiu em resultado da reforma de Passos Manuel, ministro do Reino no Governo saído da revolução de Setembro. No âmbito desta reforma, o nome da Academia Real é alterado para Academia Politécnica em 1837, sendo adoptadas as anteriores disposições estatutárias. Contudo, o governo económico e literário da Academia, até ali sob a inspecção da Junta da Administração da Companhia Geral da Agri-

cultura das Vinhas do Alto Douro, é transferido para o Conselho dos Lentos. Não obstante as grandes dificuldades financeiras por que passou, a Academia Politécnica do Porto conheceu uma época de apogeu científico, com cientistas eminentes como Gomes Teixeira e Ferreira da Silva.

A Escola Médico-Cirúrgica do Porto também é resultado da reforma de Passos Manuel: em 1836, sucede à Real Escola de Cirurgia, uma instituição criada em 1825 por D. João VI, e que funcionava em ligação com o Hospital da Misericórdia do Porto. Em 1837, é estabelecido um novo plano geral de estudos, que, além de alargar o número de cadeiras, as dividia em cadeiras médicas e cadeiras cirúrgicas. A Escola Médico-Cirúrgica tinha o seu assento no Hospital de Santo António, anexando uma Escola de Farmácia que compreendia cursos técnicos e cursos práticos; conheceu também mestres de grande nomeada, como Roberto Frias, Aires de Gouveia, Eduardo Pimenta, etc.

A implantação da República, em 5 de Outubro de 1910, provocou importantes modificações no campo do ensino, nomeadamente a criação de duas universidades, a de Lisboa e a do Porto. Pelo decreto de 19 de Abril de 1911, a Universidade do Porto ficou assim constituída: uma Faculdade de Ciências Matemáticas, Físico-Químicas e Histórico-Naturais, uma Faculdade de Medicina com uma Escola de Farmácia anexa e ainda uma Faculdade de Comércio. Esta última porém, nunca chegou a concretizar-se. A Faculdade de Ciências anexava uma Escola de Engenharia.

A Universidade do Porto foi inaugurada a 16 de Julho de 1911 e, nesse mesmo dia, foi eleito o primeiro Reitor, o matemático Gomes Teixeira. A partir de agora é confiado à Universidade o seu próprio governo económico e científico. Também a autonomia do ensino é reconhecida. O governo da Universidade pertence aos corpos Aca-

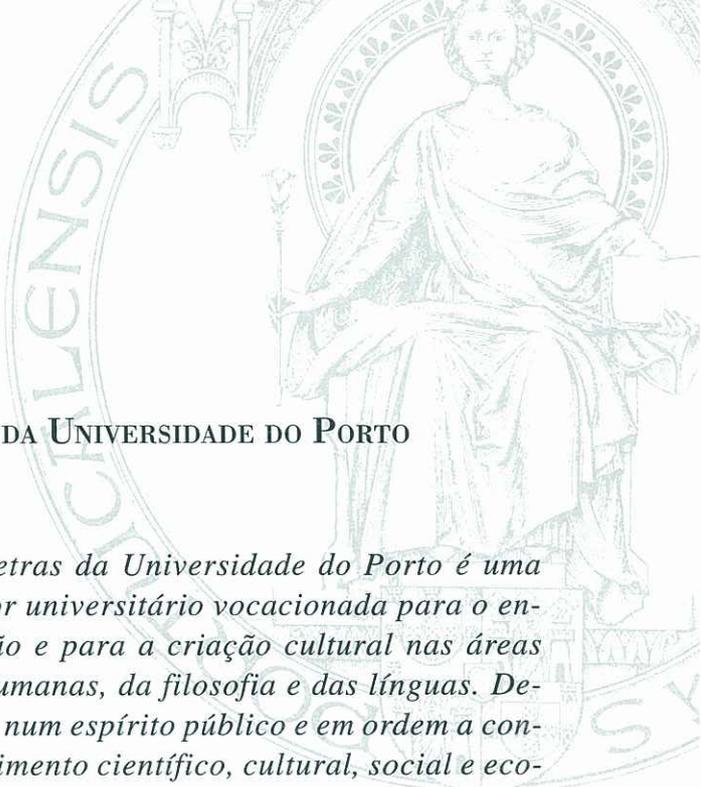


démicos: Senado, Assembleia Geral dos Professores, Conselhos das Faculdades e Escolas e aos seus Delegados efectivos – Director e Reitor.

Com o tempo, as escolas anexas foram adquirindo autonomia. A Escola de Engenharia transforma-se em Faculdade Técnica em 1915 e assume a designação de Faculdade de Engenharia em 1926. A Escola de Farmácia obtém o estatuto de Faculdade em 1921.

Em 1919 foi criada no Porto uma Faculdade de Letras pelo Ministro Leonardo Coimbra. Teve vida efémera. Por razões alegadamente de ordem financeira (que escondiam motivações políticas), foi suprimida em 1928. Só em 1961 será reaberta no Porto a Faculdade de Letras. Entretanto, em 1953, surgira uma Faculdade de Economia, tendo como objectivo o ensino e a cultura das ciências económicas.

A Universidade do Porto conheceu uma grande expansão com a revolução de Abril de 1974. Às seis faculdades existentes juntaram-se como criação de raiz ou escolas integradas, as seguintes: Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar (1975), Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física (1975), Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação (1977), Faculdade de Arquitectura (1979), Faculdade de Medicina Dentária (1989), Faculdade de Ciências da Nutrição e Alimentação (1992), Faculdade de Belas Artes (1992) e Faculdade de Direito (1994). Hoje, a Universidade do Porto conta com catorze faculdades e uma escola pós-graduação, a Escola de Gestão do Porto (2000).



FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

A Faculdade de Letras da Universidade do Porto é uma escola de ensino superior universitário vocacionada para o ensino, para a investigação e para a criação cultural nas áreas das ciências sociais e humanas, da filosofia e das línguas. Desenvolve esta actividade num espírito público e em ordem a contribuir para o desenvolvimento científico, cultural, social e económico de Portugal, das comunidades de raiz portuguesa disseminadas pelo mundo, dos países de língua oficial portuguesa e da Europa

Criada pelo artigo 11º da Lei nº 861, de 27 de Agosto de 1919, pelo Ministro Leonardo de Coimbra, a Faculdade de Letras da Universidade do Porto formou 167 licenciados nos cursos de Filologia Clássica, Filologia Românica, Filologia Germânica, Ciências Históricas e Geográficas e Filosofia até ao seu encerramento pelo Decreto nº15.365, de 12 de Abril de 1928.

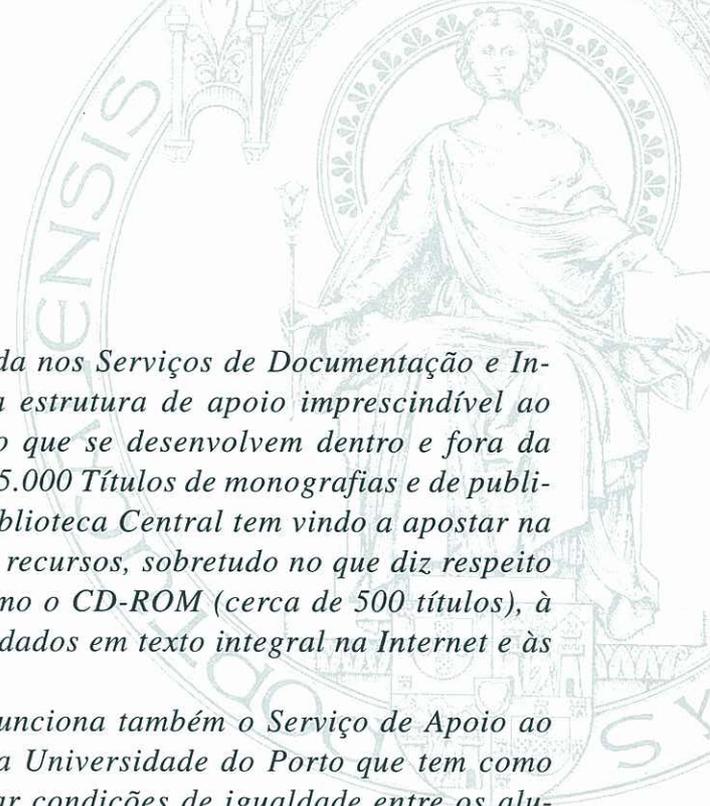
Por esta escola passaram notáveis professores e estudantes que se distinguiram nos domínios do saber, da cultura e da vida cívica. Entre eles, o filósofo Leonardo de Coimbra, seu primeiro director e personalidades da estatura de Newton de Macedo, Damião Peres, Aarão de Lacerda, Francisco Torrinha, Hernâni Cidade, Teixeira Rêgo, Luís Cardim, Delfim Santos, Salgado Júnior, Torquato Soares, Agostinho da Silva, entre outros.

Reaberta em 1961 pelo Decreto nº 43.864, de 17 de Agosto, inicia as suas aulas no ano Lectivo de 1962/63, com duas licenciaturas - História e Filosofia e o curso de Ciências Peda-

gógicas (curso este de efémera duração) - , a que se juntaram depois, por exigência da Universidade e da Comunidade, Filologia Românica (1968), Filologia Germânica (1972), Geografia (1972), Sociologia (1985) e Estudos Europeus (1996). Em 1977, as Filologias darão lugar ao curso de Línguas e Literaturas Modernas, com diversas variantes, ao passo que, em 1980 são criadas, na licenciatura de História, as variantes de Arqueologia e de História da Arte, transformadas em licenciaturas autónomas desde 1999. O ensino pós-graduado inicia-se a partir de 1986, tendo até à presente data sido abertos 17 cursos de mestrado em todos os domínios científicos abarcados pelas unidades orgânicas da Faculdade. A alteração dos Estatutos da FLUP, publicada no Diário da República, II série, nº 103, de 4 de Maio de 2000, consagrou a organização departamental da Faculdade, tendo sido criados os Departamentos de Ciências e Técnicas do Património, de Estudos Anglo-Americanos, de Estudos Germanísticos, de Estudos Portugueses e Estudos Românicos, de Filosofia, de Geografia e de História e ainda as Secções Autónomas de Sociologia e de Educação.

Com cerca de 4750 alunos, 276 professores (112 doutorados) e mais de 100 funcionários, a Faculdade de Letras da Universidade do Porto desenvolve uma intensa actividade de ensino e investigação, sendo esta última traduzida não só no permanente labor dos seus Departamentos, Centros e Unidades de Investigação, mas também na qualificação dos seus docentes. Antigos alunos da escola predominam no seu actual quadro docente, ocupando ainda lugares de destaque em ramos diversos da vida pública e activa. A Associação de Estudantes da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, forte estrutura associativa, tem constituído um permanente elemento dinamizador das actividades académicas.

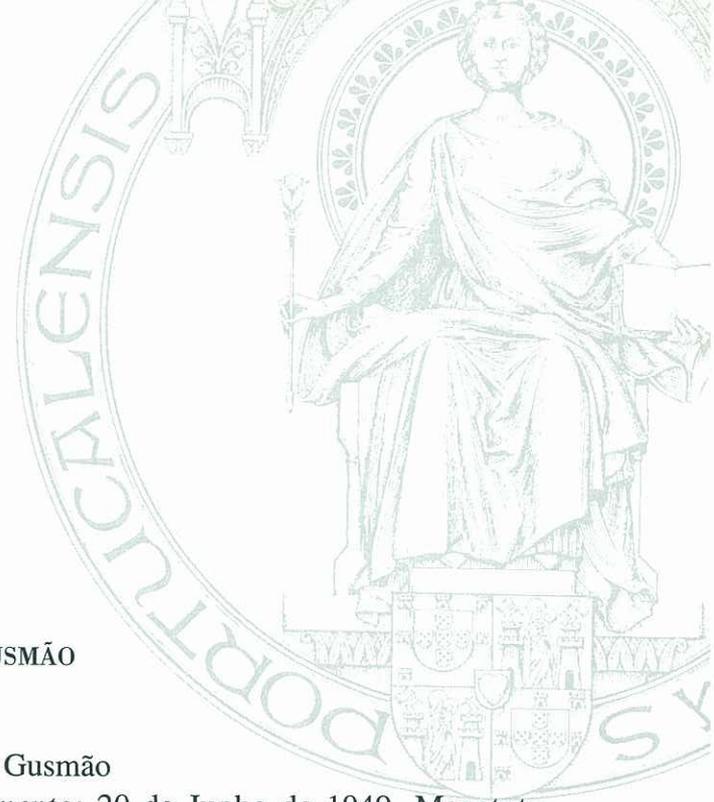
A Biblioteca Central da Faculdade de Letras da Universi-



dade do Porto, integrada nos Serviços de Documentação e Informação, é, hoje, uma estrutura de apoio imprescindível ao ensino e à investigação que se desenvolvem dentro e fora da escola. Com mais de 255.000 Títulos de monografias e de publicações periódicas, a Biblioteca Central tem vindo a apostar na diversificação dos seus recursos, sobretudo no que diz respeito aos novos suportes, como o CD-ROM (cerca de 500 títulos), à assinatura de bases de dados em texto integral na Internet e às novas tecnologias.

No seu âmbito funciona também o Serviço de Apoio ao Estudante Deficiente da Universidade do Porto que tem como objectivo principal criar condições de igualdade entre os alunos portadores de deficiência e normais, com incidência especial nos estudantes deficientes visuais, pelo que se tem dedicado à recolha, produção e tratamento de documentos especiais que organiza e divulga, tendo vindo substancialmente a crescer o número de títulos que fazem parte da Biblioteca Braille, da Biblioteca Sonora e da Biblioteca Digital.

A Faculdade possui as revistas de História, Filosofia, Línguas e Literaturas Modernas, Geografia e Sociologia. Existem ainda as revistas Portugália, Intercâmbio, Via Spiritus e Terceira Margem. Fazem parte das tarefas efectivas da Faculdade a publicação dos trabalhos de investigação dos seus docentes, a realização de encontros científicos, cursos de doutoramento, mestrado, pós-graduação e cursos para estrangeiros, para além de intervenções de serviço à comunidade e de contactos regulares com instituições congéneres nacionais, comunitárias, dos PALOP e de outros países.



CURRICULUM VITAE
KAY RALA XANANA GUSMÃO

Nome: Kay Rala Xanana Gusmão

Data e Local de Nascimento: 20 de Junho de 1949, Manatuto,
Timor-Leste

Residência: Díli, Timor-Leste

Estado Civil: Casado, Pai de três filhos

HABILITAÇÕES LITERÁRIAS

Ensino Secundário: Liceu de Díli

Ensino Universitário: Frequência da Faculdade de Direito da
Universidade de Coimbra (aluno externo extraordinário, de
1997 a 1999)

Doutoramento *Honoris Causa* – Universidade Lusíada (1999)

ANTECEDENTES E EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS

Desenhador topográfico da MEAU, em Manatuto

Escriturário nos Serviços de Saúde de Díli

Professor na Escola Chinesa, em Manatuto

3º Oficial dos Serviços da Administração Civil

Trabalhador não qualificado, Darwin, Austrália

Operário da construção civil em Díli

Jornalista no jornal “A Voz de Timor”

ACTIVIDADE POLÍTICA

Setembro 1975: Vice Secretário do Departamento de Informação da Fretilin

1976: Vice Secretário da Região de Viqueque

1977: Responsável da Região Leste do Sector Centro Leste

Setembro 1977: Responsável Político da Região da Ponta Leste

Janeiro 1979: Assume o Comando da Resistência Armada e Política contra a ocupação militar indonésia, em Timor-Leste.

1981: Inicia o processo de reorganização da Resistência Armada e Política

Março 1981: Eleito Responsável pelo CRRN (Conselho Revolucionário de Resistência Nacional)

Março 1983: Liderou a delegação que participou nas primeiras conversações preliminares com as forças armadas ocupantes nas áreas libertadas do território – Conversações de Lari-Guto

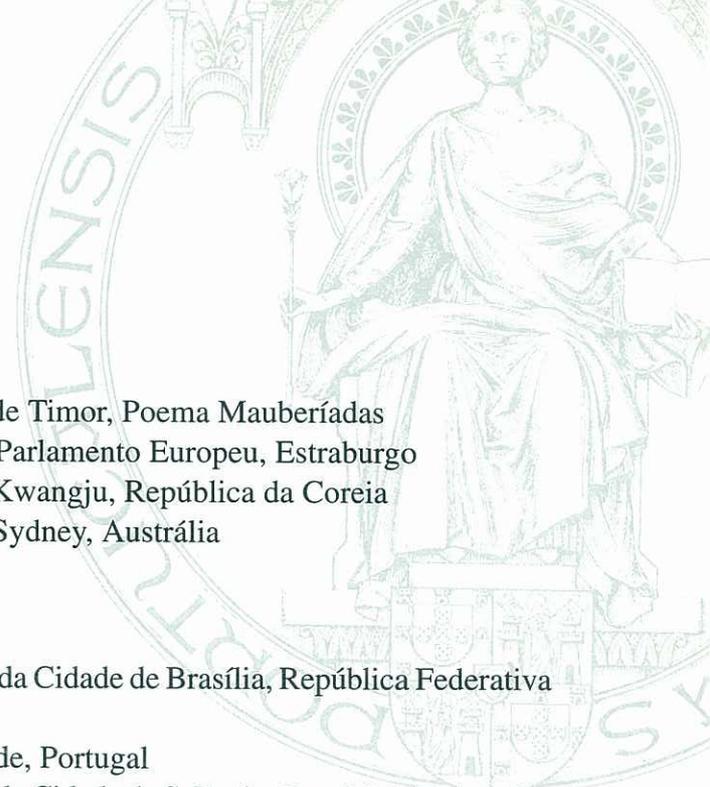
1988: Criação do CNRM (Conselho Nacional da Resistência Maubere); Responsável pelo CNRM

20 de Novembro 1992: Capturado em Díli pelas forças armadas indonésias e condenado a prisão perpétua pelo regime militar indonésio

Abril 1998: Criação do CNRT (Conselho Nacional da Resistência Timorense): aclamação como Presidente da Comissão Política Nacional do CNRT

7 de Setembro 1999: Assinatura do documento de libertação como prisioneiro da Indonésia

22 de Outubro 1999: Chegada a Timor-Leste após quase 7 anos de ausência forçada



PRÉMIOS

1975: Prémio de Poesia de Timor, Poema Mauberíadas

1999: Prémio Sakharov, Parlamento Europeu, Estrasburgo

2000: Prémio da Paz de Kwangju, República da Coreia

2000: Prémio da Paz de Sydney, Austrália

CONDECORAÇÕES

1995: Cidadão Honorário da Cidade de Brasília, República Federativa do Brasil

1998: Ordem da Liberdade, Portugal

1998: Cidadão Honorário da Cidade de S. Paulo, República Federativa do Brasil

2000: Order of Merit, Nova Zelândia

2000: Chave da Cidade de Lisboa, Portugal

2000: Medalha da Vice-Presidência da República Federativa do Brasil, Classe Ouro

2000: Ordem do Mérito José Bonifácio, Grau de Gran-Oficial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

LIVROS E ARTIGOS

1983(?): “Mauberíadas”, entre outros poemas, *Antologia de Poesia de Timor-Leste*, União dos Escritores Angolanos, Luanda, República de Angola

1994: Timor -Leste – *Um Povo, uma Pátria*, Edições Colibri, Lisboa

1998: *Mar Meu*, Editora Granito, Faculdade de Letras, Porto

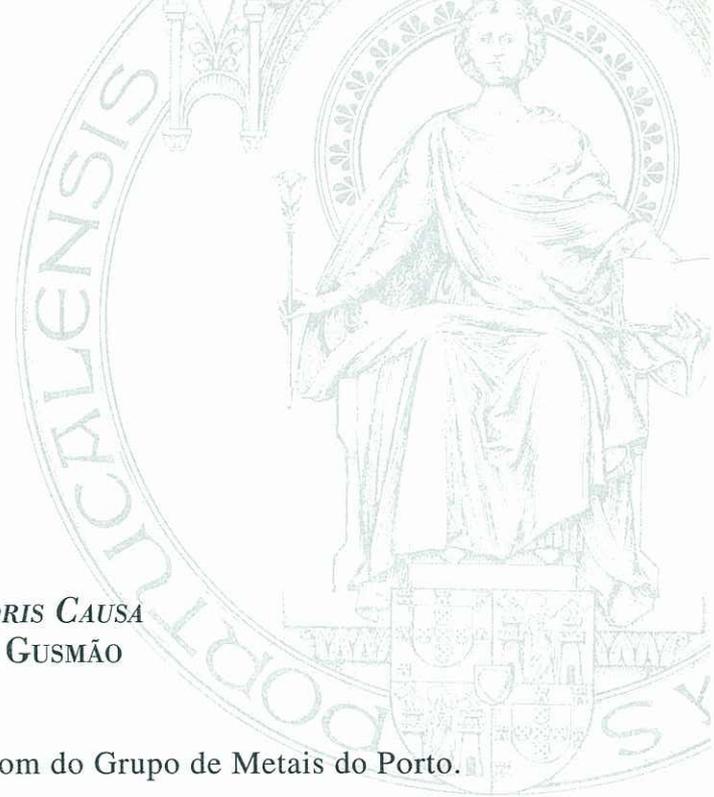
Diversos prefácios para obras de autores timorenses, portugueses, indonésios e australianos

Inúmeros artigos em jornais e revistas internacionais (por exemplo, *Revista Política Internacional*, *Internacional Herald Tribune*, *Asiaweek*)

LÍNGUAS

Línguas maternas: Tetum e Português

Outras línguas: Inglês, língua indonésia e diversas línguas e dialectos locais timorenses



**DOUTORAMENTO *HONORIS CAUSA*
DE KAY RALA XANANA GUSMÃO**

Cortejo académico ao som do Grupo de Metais do Porto.

O Secretário faz a vénia ao Magnífico Reitor e convida o Grupo de Metais do Porto para que execute *La Mourisque*, de Tylman Susato.

O Secretário lê o Diploma de Doutoramento.

O Prof. Doutor Ivo Carneiro de Sousa, a convite do Secretário, faz o elogio do Doutorando.

Seguidamente, o Secretário convida o Prof. Doutor António de Sousa Pedrosa a fazer o elogio do Padrinho, Sua Excelência o Primeiro Ministro Eng^o António Guterres.

Terminados os elogios do Doutorando e do Padrinho, o Secretário pede autorização ao Magnífico Reitor e convida o Doutorando e o Padrinho a aproximarem-se da mesa.

O Doutorando, com o Secretário à esquerda e o Padrinho à direita, faz vénia ao Magnífico Reitor, que, levantando-se, lhe per-

gunta:

- «*QVID PETIS ?*»

O Doutorando responde:

- «*GRADVM DOCTORATVS IN PRAECLARA ARTIVM FACVLTADE*»

O Magnífico Reitor pronuncia, então, as seguintes palavras:

- «*EGO, IOSEPH ANGELVS MOTA NOVAIS BARBOSA, HVIVS ALMAE PORTVCALENSIS ACADEMIAE RECTOR, CREO TE DOCTOREM PRAECLARAE ARTIVM FACVLTATIS, IN NOMINE ET AVCTORITATE EIVSDEM ACADEMIAE ET COMMITTO CLARISSIMO VIRO ANTONIO GUTERRES , PATRONO TVO, VT TE INSIGNIIS DOCTORALIBVS DECORET*».

O novo Doutor, acompanhado do Padrinho e do Secretário, aos quais se junta o/a aluno(a) que transporta as insígnias, aproxima-se do Presidente do Conselho Directivo, que, saindo do seu lugar, vem junto do Doutor, explica o significado da Borla (insígnia do grau que confere o privilégio de Doutor), do Anel (colegialidade, irmandade com os restantes Doutores) e do Livro (sabedoria), coloca-lhe a medalha da Universidade, a borla e o anel, entrega o livro e abraça o novo Doutor, regressando o Padrinho ao seu lugar.

Seguidamente, o novo Doutor, acompanhado pelo Presidente do Conselho Directivo e pelo Secretário, dirige-se às doutorais e faz vénia de agradecimento aos Doutores das Faculdades. Terminada esta Saudação, o Presidente do Conselho Directivo regressa ao seu lugar e o Secretário conduz o Doutor à cadeira reservada nas doutorais.

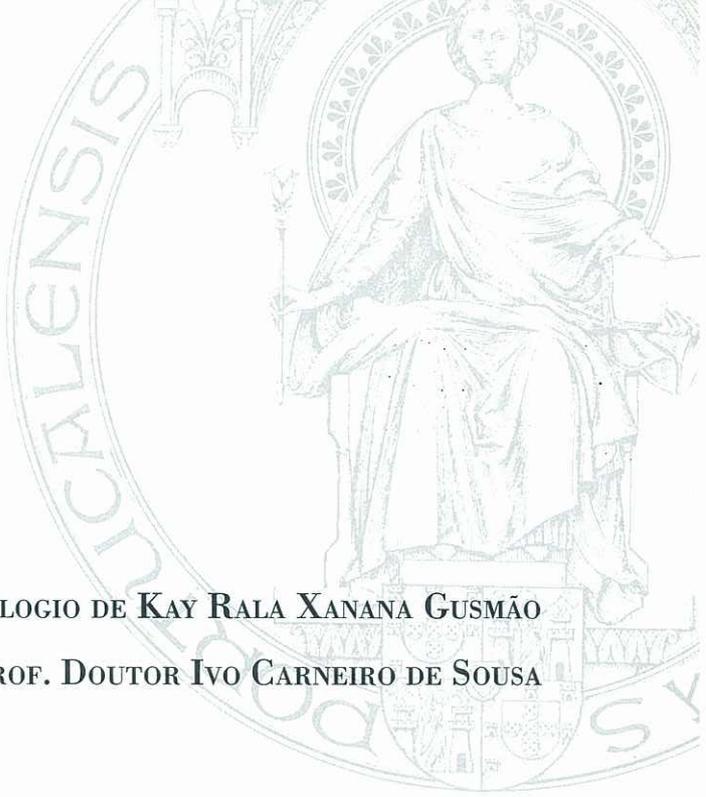


O Secretário convida o Grupo de Metais a executar *Entrée* de Michael Praetorius.

Após a execução da peça musical, o Secretário acompanha o Doutor ao lugar onde vai pronunciar o discurso de agradecimento.

Concluído o discurso, o Secretário acompanha novamente o Doutor à sua cadeira.

Para finalizar, o Secretário, fazendo vénia ao Magnífico Reitor, convida o Coral de Letras a cantar a peça intitulada *Acordai*, de Fernando Lopes Graça e poema de José Gomes Ferreira.



ELOGIO DE KAY RALA XANANA GUSMÃO
PELO PROF. DOUTOR IVO CARNEIRO DE SOUSA

Nascidas no calor dos movimentos sociais oitocentistas, vazadas em utopias de colectivas libertações, as ciências sociais tem vindo a afastar-se nos últimos anos quase sem retorno do mundo da política e da acção social. Cultivamos agora um discurso cada vez mais sofisticado em que se exorna o paradigma da complexidade e se destaca o nosso desprezo pela anterioridade do discurso político. As ciências sociais tratariam de fenómenos ancorados a processos de longa duração, apenas compreensíveis diante de metódicas de superior dimensão epistémica, enquanto o discurso político viveria sofregamente amarrado ao circunstancial, ao tempo breve em que seria mais importante *parecer* do que *ser*, subsumindo-se na representação e numa retórica progressivamente rendida a consumos mediáticos, quase teatrais e espectaculares.

Muitas vezes me tenho interrogado sobre o intelectualismo exacerbado das teorias da complexidade das ciências sociais actuais. Da sua injustiça contemplativa. Do seu afastamento da ideia de Estado, das instituições, dos movimentos sociais. E da sua falsa distância em relação a esse mundo quase vil da política quotidiana, mergulhada nessa tentativa tão pouco cativante, antecientífica, afinal, de discutir, planear e resolver os grandes e pequenos problemas das nossas sociedades.

Quando se reflecte um pouco na vida, na obra e na luta de Xanana Gusmão cala-se a cientificidade, dissipam-se os

paradigmas de complexidade, morrem as epistemologias dos processos e das conceptualizações... E emocionamo-nos apenas. Fortemente. Comovidamente... Até às lágrimas: olhos chorando lágrimas verdadeiras tecidas pelas brumas de todas as manhãs sofridas do mundo, como cantava um anónimo poeta goliardo encarcerado numa prisão do século XII. Contemplando a vida e obra de Xanana Gusmão, a vida parece regressar novamente aos tempos das utopias libertárias, às pregações de evangélicas militâncias, aos ideários dos paraísos da reconciliação e da fraternidade universais. E, no entanto, a vida de Xanana Gusmão é tudo menos facilidades, descomprometimentos, 'deixar andar'...

Nasceu em Manatuto, em 20 junho de 1946. Filho de um mestre escola daqueles que depois da guerra e da invasão japonesa ajudaram a espalhar os mitos de unidade do colonialismo português que se queria império de eternas universalidades. Chamavam-lhes frequentemente assimilados, mas isso não pesava na magreza dos salários, nos pesos das dificuldades, quase por menores face à enorme dignidade destas gentes.

Após os exames da 4ª classe – Quais são os ramais da linha do Douro; Diga-me dois afluentes do Limpopo *inferior*? Explique-me a qualidade *superior* do Queijo da Serra; Se uma torneira debita 4 dl de água em cada 2,5 m, quanto tempo demorarão duas torneiras a encher um tanque com a capacidade de 105, 7 dl?... Único filho varão entre sete, não encontrou o jovem Gusmão outra alternativa para continuar os estudos que não fosse aquela que unia os pobres e filhos do mundo rural do Minho a Timor - Seminário...

«Não fui aluno aplicado, explica Xanana na sua Autobiografia, como nunca fora na Primária. Os terços nocturnos e constantes novenas e rezas em casa... adormeciam-me! No seminá-

rio, lembro-me de nunca ter excedido 13, raras vezes conseguido no comportamento. Nunca fui admitido nem sequer a aspirante a Filhos de Maria e, como vingança, ao sair do seminário roubei uma fita das grandes que eram reservadas já para os devotos, normalmente conseguidas já 1 ou 2 anos antes de se ir para o Seminário Maior de Macau».

Vocação falhada no pastoreio das almas, esforços complicados, frustrados, no acesso a um trabalho decente tantas vezes mendigado numa sociedade adormecida, quase abandonada por uma longínqua metrópole que ensinava os reis mas pagava a patacos. Xanana trabalha como desenhador topográfico da Missão de Estudos Agronómicos do Ultramar e ensina, à tarde, na Escola Chinesa... Dirige-se como outros jovens do seu tempo para Dili, tentando o liceu nocturno e procurando trabalho... Experiências de dactilógrafo sem remuneração, muita procura de trabalho nas repartições coloniais e voos talvez libertadores de beiro à procura das pescarias da sobrevivência...

Em 1965 surge um emprego como desenhador e a oportunidade de terminar o 4º ano no liceu nocturno. Itinerário para um não muito compreendido lugar de escriturário da Administração civil... Marchar para a tropa de 1968 a 1971, soldado a fazer continência a antigos colegas de Seminário, mas aprendendo a discutir, criticar, lendo esses artigos que exaltavam a cultura de Timor estampados precisamente no Boletim da Divisão Militar de Timor. Depois, de novo, o funcionalismo, «a única marca viva de civilização», como tantas vezes esclarece Gusmão, mas que não se confirma quando o funcionalismo é obrigado à política do antigamente:

«recordo, escreve Xanana, a minha participação pessoal numa mesa eleitoral em que fomos mandados colocar

a cruz à frente dos ausentes para que chegássemos a 60%, pois a nossa lista apenas tinha pouco mais de 20%...»

Sociedade pardacenta, amolecida, rendida a velhas rotinas coloniais, frustrando mesmo um pedido de empréstimo que poderia ter permitido a Xana Gusmão começar vida de agricultor livre...

25 de Abril. Uma revolução em Lisboa e talvez transtornos em Dili. Perplexidade também. Era preciso ganhar novos hábitos tanto como novos vocabulários ou reaprender a utilizar os punhos, cada vez mais na vertical, entre gritos, vivas, radicais morra... Trabalha no jornal «A Voz de Timor» e ganha o prémio de Poesia do território, ainda em 1975, com o poema Mauberíadas... Relembra com dolorida sabedoria esses tempos apaixonados, radicais, conflituosos:

«o clima político já não era agradável. O exodo dos antigos colonos, uma tropa de cabelos compridos cruzava-se com ‘revolucionários’, a debilidade do governo, a insatisfação e a sensação de instabilidade dramatizavam as esperanças»...

A partir daqui, dever-se-ia proibir a história de Timor e recomeçar a contá-la a partir de 30 de Agosto de 1999? Talvez não. Deve continuar-se a recordar os mortos, as perseguições, as torturas, o sofrimento infindo... Um país de ilhas mil, poderoso, populoso, de legionários sem misericórdia, procurando esmagar metade de um pobre e velho crocodilo. Ressequido, esfomeado como na história do mito original... Mas sobre o dorso do velho crocodilo ergueu-se um homem simples, guerrilheiro, poeta, timorense. Em Março de 1981 assumiu a liderança da FRETILIN e em 1987 declarou corajosamente a neutralidade das

FALINTIL, prefigurando os ideários de unidade e reconciliação que ergueu quase evangelicamente, de certo como só os poetas-guerrilheiros entendem.

Vieram depois dois novembros difíceis, negros, desumanos: no de 1991 assistiu-se ao desespero de um novo massacre da Santa Cruz, estilhaçada por balas de novos esbirros massacrando indistintamente mesmo aqueles que oravam «santa Maria, mãe de Deus»... E era em português que rezavam, choravam, lutavam; no Novembro seguinte deu-se a prisão de Xanana Gusmão, a farsa de um julgamento sem juízo e o encarceramento em Cipinang, prisão transformada em poesia, pintura, coragem, espanto do mundo pela luta imperecível de metade de um velho crocodilo exangue, faminto, mas sedento de liberdade...

A algema de lágrimas foi-se dissolvendo e partindo. Pela coragem da Igreja timorense e do seu Bispo, pela conquista de Prémios Nóbeis, seguindo as lutas juvenis e estudantis, as solidariedades das diásporas, a admiração do mundo livre. Uma admiração que progressivamente encontrou um rosto simples, um sorriso franco, um carácter enérgico, uma dedicação sem fim à causa da liberdade de todo um povo. Xanana Gusmão é esse rosto. Não adianta discutir complexidades e paradigmas, nacionalismos e estratégias. Xanana Gusmão é o Presidente de Timor Lorosa'e.

Entrai agora na claustro desta Universidade. Aqui não encontrareis descanso, mas agitação, comoção, crítica. Esta é a Universidade também de Timor Lorosa'e. A Universidade conhecida pelas suas Jornadas por Timor, teimosamente organizadas por um professor de engenharia mecânica; a Universidade que criou a primeira e ainda hoje única cadeira oficial de História e Cultura de Timor; a Universidade que acolhe os únicos

timorenses que se encontram a doutorar em Portugal; a Universidade que contribui decisivamente para a criação do Centro Português de Estudos do Sudeste Asiático, grande projecto interuniversitário e interdisciplinar que quer fazer com que Portugal tenha uma palavra moderna, actualizada, para dizer nas redes de conhecimento e nos problemas que são os da região em que se alberga Timor...

Entrai e conquistai a claustros desta Universidade. Ganhas-te também o direito, como Petrarca ou Camões, a ser laureado. Entrai, por isso, com a alma ao ombro e disparai os cravos do vosso sofrimento sobre as nossas armas e letras. Ganhaste o direito à poesia eterna. Ganhaste mesmo o direito a reescrever e actualizar as epopeias. Podes, por fim, calar o nosso império e renovar também a nossa épica, cantando:

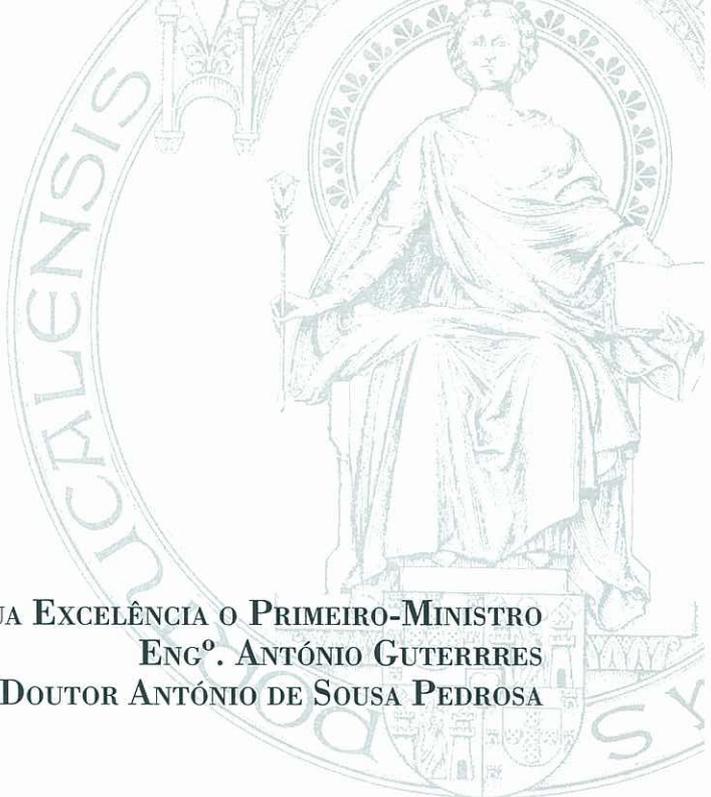
Cesse tudo o que a Musa Antiga Canta

Porque um valor mais alto se alevanta:

Timor Lorosa'e

Disse.

Ivo Carneiro de Sousa



**ELOGIO DE SUA EXCELÊNCIA O PRIMEIRO-MINISTRO
ENG.º ANTÓNIO GUTERRRES
PELO PROF. DOUTOR ANTÓNIO DE SOUSA PEDROSA**

Magnífico Reitor da Universidade do Porto
Senhor Presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Autoridades Académicas, Religiosas, Civas e Militares
Senhoras e Senhores professores, estudantes, funcionários
Senhoras e Senhores

O acto que hoje nos reúne vem exornar o empenhamento de todo um povo na luta da liberdade pela auto-determinação e pela democracia. Este acto exalta a honra dos novos Doutores, consagrada nos novos títulos que lhe serão outorgados, testemunhada pela instituição que lhos atribui. A honra, diz-nos a moderna antropologia, é um valor sócio-simbólico fundamental, mas não unívoco, já que o seu sentido pode flutuar com os tempos e com as sociedades erguendo diferentes espaços sociais, culturais e antropológicos; no entanto, o nosso conceito de honra apela obrigatoriamente para os ideais de justiça, de solidariedade, e para a ética da verdade, para a nobreza de espírito e de carácter.

Ninguém negará tais qualidades a Xanana Gusmão e ao investi-lo como Doutor a título de honra, a Universidade do Porto não presta só uma homenagem individual àquele que, sem dúvida, é o símbolo máximo da liberdade do povo timorense, mas cumpre também uma homenagem colectiva a todo um povo que de forma corajosa nunca se submeteu à tirania de um regime

militarista e totalitário lutando sempre pela sua identidade, indiscutivelmente ligada ao direito de poder expressar em liberdade o ideário da auto-determinação.

Ao solenizar este acto público, a Universidade do Porto está a reforçar a sua identidade académica, a favorecer a sua continuidade cultural e a promover na sua comunidade os valores humanistas que fazem parte intrínseca da vocação da própria Universidade, definida por um dos seus reitores como a de “preparar homens e não apenas estudantes”.

Também nesta adesão à independência das humanidades a Faculdade de Letras da Universidade do Porto é um exemplo maior, dado que, em 1928, foi extinta “por patente rancor político e espírito de reivindicta, envolto em eufemísticas razões de sabor tecnocrático”. Com efeito, aquando desta extinção vivia-se tempos de ditadura nacional, sendo a Faculdade de Letras considerada demasiado “republicana” pelo poder político, demasiado incómoda pelo espírito humanista que representava, pela acção pedagógica e científica que com independência prosseguia. De facto, daqui saíram nomes grandes da cultura portuguesa que pautaram os seus princípios pelos valores que esta Faculdade sempre transmitiu: Agostinho da Silva, Santana Dionísio, Salgado Júnior, Delfim Santos, Adolfo Casais Monteiro entre outros expressam essa ética da autonomia do pensamento humanista contra a univocidade das opressões totalitárias.

Por tudo isto, o acto de hoje mais do que simbólico é a reafirmação dos valores que sempre nortearam o espírito desta Faculdade e desta Universidade. Nunca, como agora, foram tão vivos, tão fundamentais, sabendo-se que é um dado adquirido “a necessidade de impregnar de humanismo a formação científica e técnica do estudante universitário”, assim como promover, “o diálogo das ciências e das humanidades” como forma de evitar que as Universidades adoptem posições de pragmatismo egoísta

e sacrifiquem valores que constituem a sua vocação cultural.

Também por esta razão é-nos grato ver Sua Ex.a, o Primeiro Ministro, Eng. António Guterres associado a este acto, como padrinho do Doutorando Xanana Gusmão, já que, apesar de licenciado num curso tecnológico –Engenharia, pelo Instituto Superior Técnico – tem vindo a afirmar-se ao longo da sua vida política e pública como um homem de ideais claramente humanistas, vazados na promoção de uma democracia solidária, olhando sempre os mais pobres e oprimidos.

Como militante e dirigente do Partido Socialista, ao qual aderiu logo em 1974, a sua acção esteve sempre voltada para a defesa da liberdade e da democracia, como demonstram vários testemunhos, nomeadamente, nesses períodos de maior tensão política, que se viveram a seguir ao 25 de Abril em que estes valores estiveram em risco de se perderem.

Após a sua eleição como Secretário Geral do Partido Socialista, em 1992, foi eleito Deputado à Assembleia da República, tendo ocupado o lugar de Presidente do Grupo Parlamentar destacando-se como um dos tribunos de maior qualidade política e rigor intelectual, tendo também demonstrado sempre um forte sentido de estado como esclareceu várias vezes, não apenas no sentido europeu da nossa adesão política, como também na solidariedade nunca negada na posição de Portugal face ao problema de Timor Leste.

Como principal líder da oposição pautou o seu comportamento por um sentido de responsabilidade inequívoco mas, como não podia deixar de ser, manifestando uma clarividência crítica inegável o que contribuiu de forma indelével para a valorização das instituições democráticas, assim como, para exornar as responsabilidades que a liberdade implica para todo o cidadão.

Ao longo dos anos em que tem exercido o cargo de Pri-

meiro Ministro é nítido que a sua governação tem tido uma dimensão renovada e solidária, indiscutivelmente relacionada com o respeito que António Guterres possui pelos valores democráticos que sempre defendeu. São suas as palavras enquanto Primeiro Ministro, destacando que “o cidadão comum não existe. Existem é os cidadãos e cada cidadão é diferente do outro”. Nesta afirmação é bem visível o sentido pleno de liberdade e de respeito profundo, pelo homem que ergueu as democracias modernas.

A solidariedade não tem sido apenas mais uma palavra na sua vida. Esta preocupação tem sido de tal forma importante na sua acção governativa que, pela primeira vez em Portugal, se criou um ministério tendo como objectivo uma aplicação prática deste conceito, de ressonâncias tão fortes entre nós, não apenas na praxeologia dos rendimentos, mas também, na cultura da solidariedade.

O povo português mais do que nenhum povo do mundo soube mostrar este sentido cultural da solidariedade ao emocionar-se e movimentar-se activamente para com o sofrimento do povo de Timor, principalmente naquele mês de inferno em que, depois de expressar de uma forma inequívoca o caminho da liberdade e da independência, este foi mais uma vez perseguido, massacrado, violentado. Também nessa altura os nossos governantes e, particularmente, António Guterres como Primeiro Ministro, foram os rostos de uma nação que soube com firmeza, mas igualmente com serenidade, mostrar ao mundo quão importante é o respeito pelos valores essenciais da vida e da liberdade.

São, aliás, estas as características fundamentais de António Guterres, entendendo que as grandes deliberações não podem ser arbitrárias, mas que toda e qualquer decisão política tem de ser marcada pelo diálogo e perseguir uma concertação,

permitindo que os seus efeitos tenham maior adesão na sociedade. Assim, ao longo do seu mandato imprimiu a marca de uma nova cultura democrática, aberta ao diálogo, à participação e concertação social, respeitando as oposições, colaborando com os restantes órgãos de soberania e, dialogando com os cidadãos em geral. Nunca a actividade política foi tão aberta, comunicante, longe de atitudes prepotentes...Uma cultura que muito contribuiu para essa verdadeira revolta nacional em que os cidadãos se moveram emocionalmente por Timor Lorosa'e.

A probidade do seu carácter, a perspicácia das suas análises, a agudeza do seu espírito, a sua qualidade intelectual, levaram a que a sua opinião passasse a ser respeitada em toda a Europa e, mesmo, em todo o mundo. Ainda recentemente deu provas de capacidade de liderança quando na última conferência de ministros da União Europeia, não recuou na defesa dos países europeus mais pequenos, mesmo quando pressionado pelos países mais poderosos. Uma lição maior na construção da cultura de uma democracia aberta e europeia.

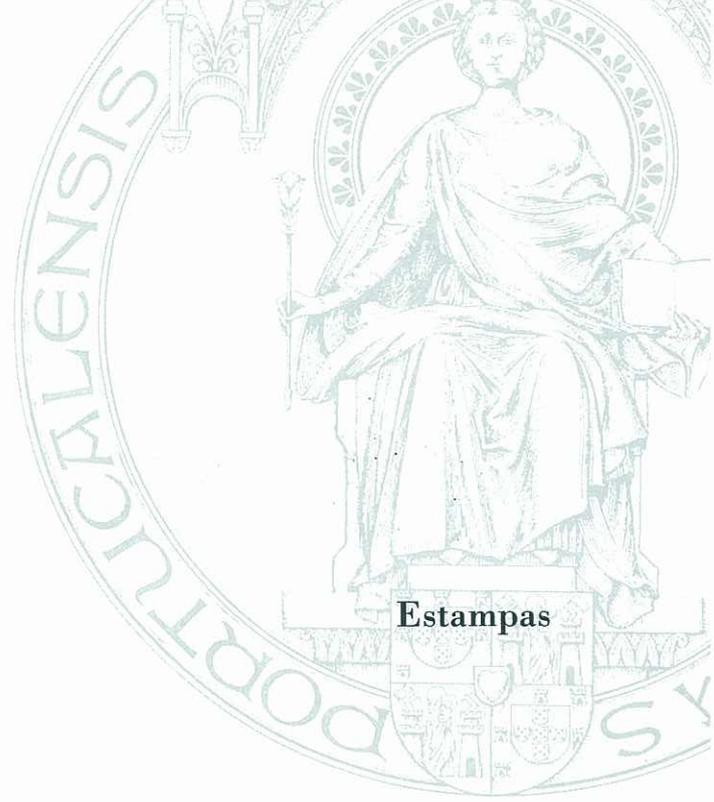
Torna-se cada vez mais necessário dar voz aos mais fracos, aos oprimidos e, disso, estaremos certos, António Guterres nunca prescindirá. Desta forma, e recordando-me mais uma vez as horas de terror que Timor Lorosa'e viveu nesse terrível mês de Setembro do ano passado, compreende-se melhor aquela sua afirmação: "Muito gostaria eu, de ter mais poder, do que tenho!" Mais poder certamente para lutar ao lado dos oprimidos, mais poder certamente para hastear mais alto os valores da liberdade e da solidariedade.

Como nos diz David Mourão-Ferreira "tortuosos são os caminhos que levam da barbárie à civilização, da fúria fratricida ao ideal de fraternidade" que a sociedade tanto persegue mas que está ainda longe de atingir. São homens de convicções firmes, de ideais em que a liberdade é indestrutível, que

nos indicam o caminho, que nos apontam a coragem, que nos levam ao inconformismo.

São homens como Xanana Gusmão e António Guterres que marcam a História que o tempo jamais poderá apagar.

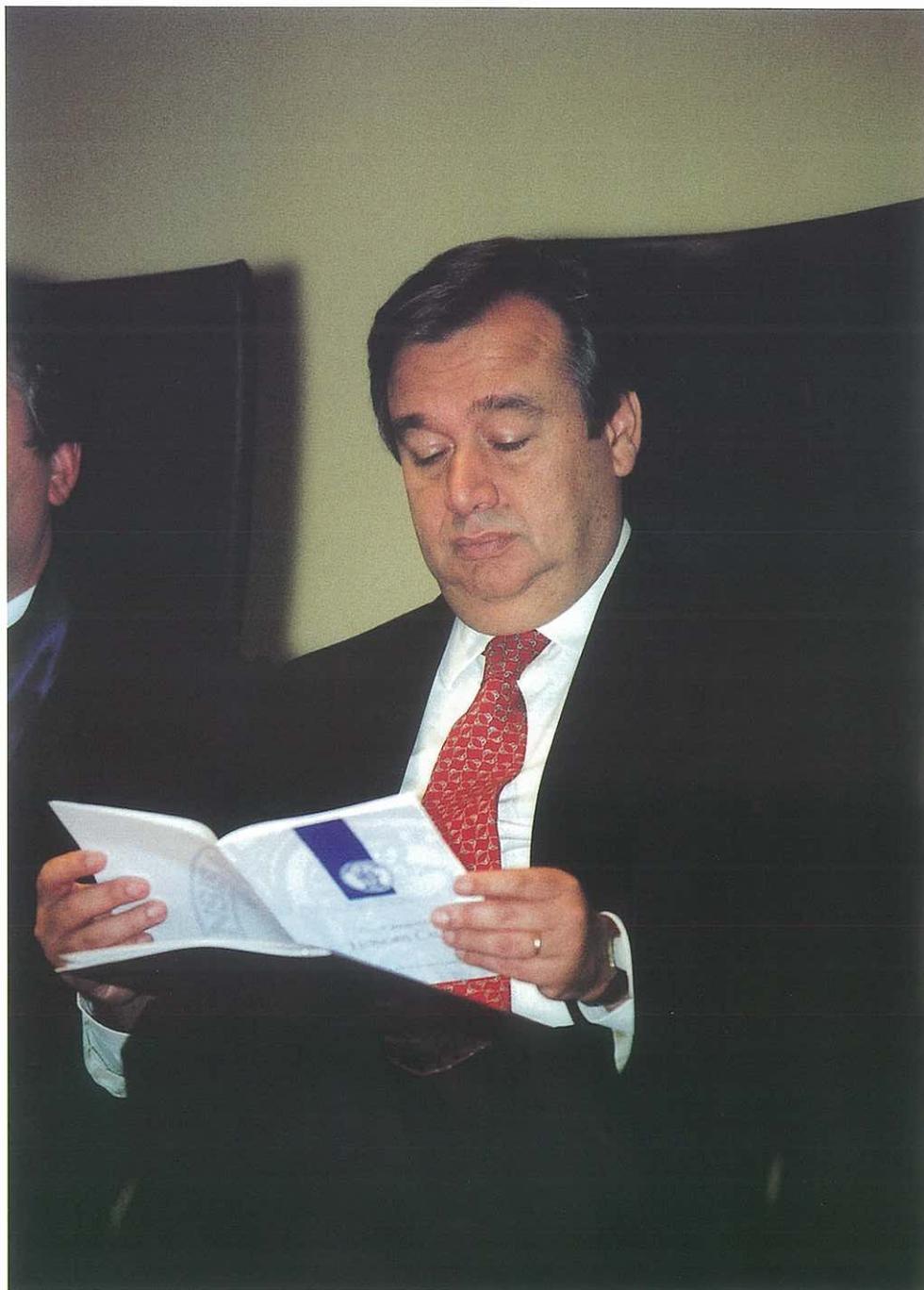
António Pedrosa



Estampas



O Professor Doutor Ivo Carneiro de Sousa proferindo o elogio do doutorando



Sua Excelência o Primeiro-Ministro Eng^o. António Guterres,
padrinho do doutorando



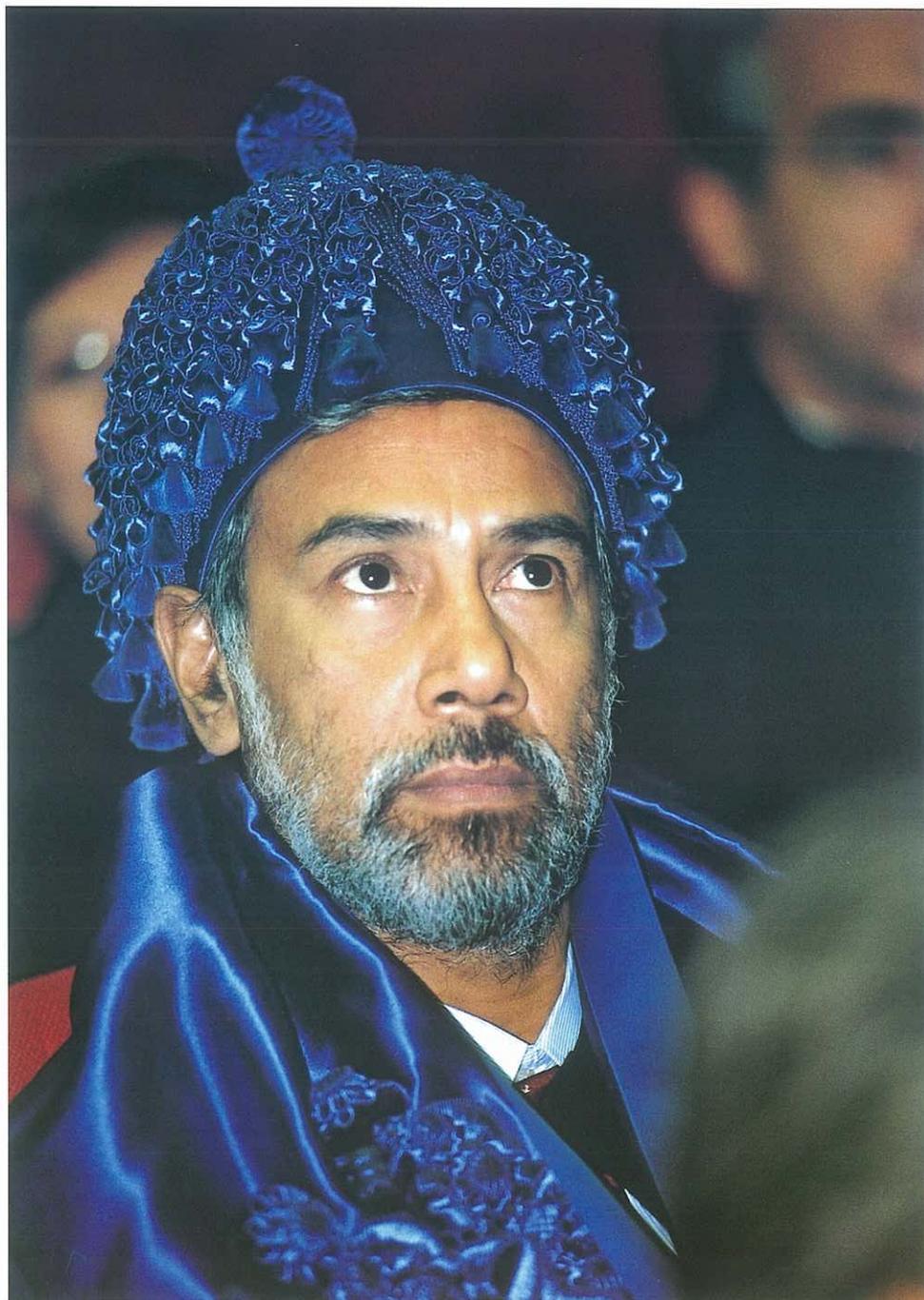
O Professor Doutor António de Sousa Pedrosa proferindo o elogio do padrinho



O doutorando, acompanhado do padrinho e do secretário, solicitando o grau de Doutor *Honoris Causa* ao Magnífico Reitor



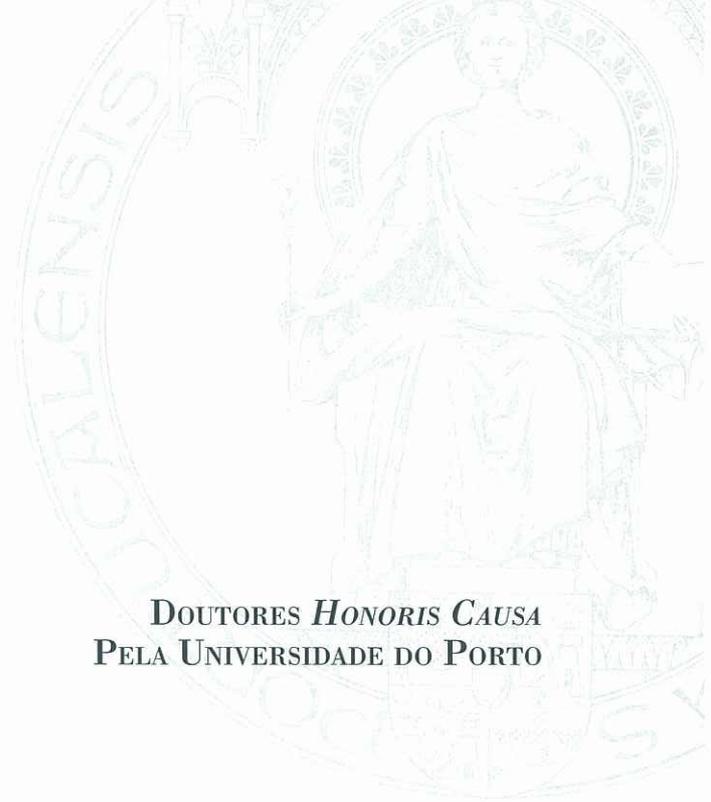
Imposição das insígnias ao doutorando pelo Presidente do Conselho Directivo
Professor Doutor Rui Centeno



O novo Doutor *Honoris Causa*

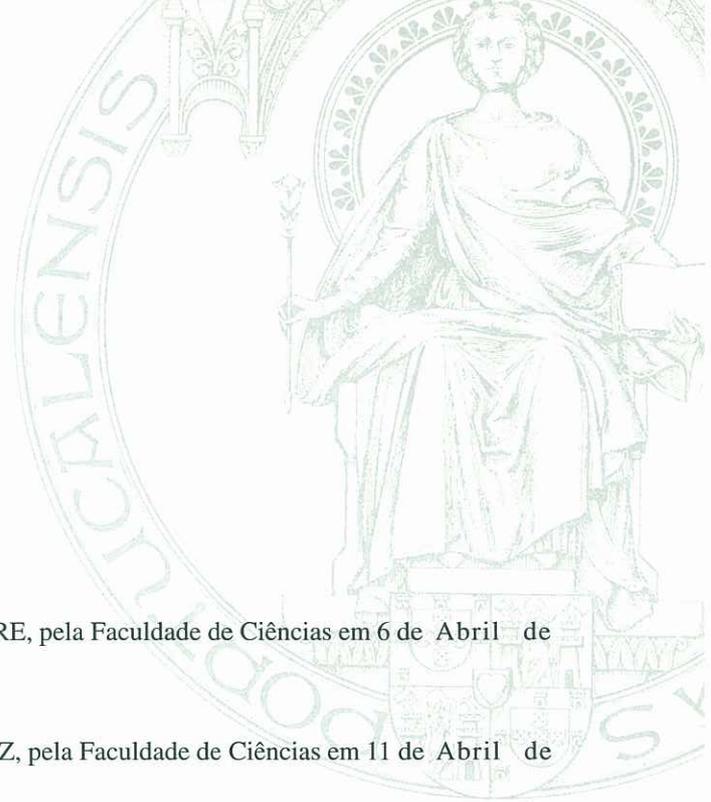


Actuação do Coral de Letras na cerimónia



**DOUTORES *HONORIS CAUSA*
PELA UNIVERSIDADE DO PORTO**





MARECHAL JOSEPH JOFFRE, pela Faculdade de Ciências em 6 de Abril de 1921.

GENERAL ARMANDO DIAZ, pela Faculdade de Ciências em 11 de Abril de 1921.

GENERAL HONORIS SMITH DORRIEN, pela Faculdade de Ciências em 11 de Abril de 1921.

ALMIRANTE CARLOS VIEGAS GAGO COUTINHO, pela Faculdade Técnica (actual Faculdade de Engenharia) em 24 de Outubro de 1922.

CAPITÃO DE MAR E GUERRA ARTUR DE SACADURA CABRAL, pela Faculdade Técnica (actual Faculdade de Engenharia) em 24 de Outubro de 1922.

PROF. PAUL SABATIER, pela Faculdade de Ciências em 21 de Junho de 1923.

PROF. RENÉ LERICHE, pela Faculdade de Medicina em 18 de Fevereiro de 1932.

PROF. CHARLES MAURAIN, pela Faculdade de Ciências 31 de Outubro de 1932.

PROF. CONDE HENRI BECOUEN, pela Faculdade de Ciências em 31 de Outubro de 1932

ENG.º OCTÁVIO MANGABEIRA, pela Faculdade de Engenharia em 8 de Maio de 1934.

PROF. JOSÉ CASARES CIL, pela Faculdade de Farmácia em 11 de Maio de 1942.

P. ALPHONSE LUISIER, pela Faculdade de Ciências em 16 de Janeiro de 1942.

PROF. GREGORIO MARAÑON, pela Faculdade de Medicina em 13 de Novembro de 1946.

PROF. CARLOS JIMENEZ DÍAS, pela Faculdade de Medicina em 12 de Março de 1955.

ENG.º MANUEL COELHO MENDES DA ROCHA, pela Faculdade de Engenharia em 30 de Março de 1970.

DOUTOR ANTÓNIO AUGUSTO DE SOUSA AMORIM, pela Faculdade de Economia em 14 de Outubro de 1975.

PROF. MAURITIUS MERCANDIER, pela Faculdade de Medicina em 21 de Novembro de 1979.

PROF. ULRICH GEORG TRENDLENBURG, pela Faculdade de Medicina em 21 de Outubro de 1982.

PROF. JEAN DELUMEAU, pela Faculdade de Letras em 6 de Janeiro de 1984.

DR. JOSÉ HENRIQUE DE AZEREDO PERDIGÃO, pela Universidade do Porto em 4 de Abril de 1987.

PROF. BREBIS BLEANEY, pela Faculdade de Ciências em 4 de Abril de 1987.

PROF. HENRY SKINNER, pela Faculdade de Ciências em 4 de Abril de 1987.

DR. VICTOR ANTÓNIO AUGUSTO NUNES DE SÁ MACHADO, pela Faculdade de Medicina em 15 de Julho de 1987.

PROF. BORIS ALPERN, pela Faculdade de Ciências em 28 de Outubro de 1987.

ARQUIT.º MANUEL CÂNDIDO PINTO DE OLIVEIRA, pela Faculdade de Arquitectura em 26 de Junho de 1989.

DR. ANTÓNIO BARROS MACHADO, pelo Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar em 11 de Julho de 1990.

DR. MÁRIO ALBERTO NOBRE LOPES SOARES, pela Faculdade de Letras em 19 de Julho de 1990.

PROF. JEAN HAMBURGER, pela Faculdade de Medicina em 21 de Dezembro de 1990.

PROF. JÚLIO FERRY BORGES, pela Faculdade de Engenharia em 21 de Maio de 1991.

PROF. EUGÈNE BRAUNWALD, pela Faculdade de Medicina em 8 de Maio de 1993.

PROF. NEAL BRICKER, pela Faculdade de Medicina em 7 de Junho de 1993.

THOMAS STARZI, pela Faculdade de Medicina em 23 de Janeiro de 1995.

PROF. HENRI BISMUTH, pela Faculdade de Medicina em 23 de Janeiro de 1995.

PROF. FERNANDO HENRIQUE CARDOSO, pela Faculdade de Economia em 22 de Julho de 1995.

PROF. JAMES MCGILL BUCHANAN, pela Faculdade de Economia em 4 de Dezembro de 1995.

PROF.^a MARIA DE LOURDES BELCHIOR PONTES, pela Faculdade de Letras em 5 de Dezembro de 1996.

PROF. ARTHUR EDWARD BERGLES, pela Faculdade de Engenharia em 19 de Outubro de 1998.

PROF. DAVID ROGER JONES OWEN, pela Faculdade de Engenharia em 19 de Outubro de 1998.

PROF. JACQUES DELORS, pela Faculdade de Economia em 10 de Março de 1999.

PROF.^a MARIE-LOUISE BASTIN, pela Faculdade de Letras em 28 de Junho de 1999.

PROF.^a JACQUELINE HAMESSE, pela Faculdade de Letras em 9 de Julho de 1999.

PROF. LEONARD E. BOYLE, pela Faculdade de Letras em 9 de Julho de 1999.

XANANA GUSMÃO, pela Faculdade de Letras em 31 de Outubro de 2000.

D. XIMENES BELO, pela Faculdade de Letras em 31 de Outubro de 2000.

DR. JOSÉ RAMOS-HORTA, pela Faculdade de Letras em 31 de Outubro de 2000.

